



ESTUDOS ELEITORAIS

Volume 3 Número 1 jan./abr. 2008

Na Vila dos Confins

Mário Palmério*

A porta do ranchão de coqueirinho-indaiá, Paulo conversava com o Pereirinha. Sujeito tremendo! Fora a contribuição mais valiosa que poderia o Dr. Bernardino dar aos unionistas na sua luta contra os liberais: mandar buscar e despachar para a Vila dos Confins o mais entendido e famoso chicanista eleitoral da região – o rábula Pereirinha.

Costumava dizer que o Pereirinha, se houvesse estudado, deixaria longe o próprio Rui Barbosa. Pena que estivesse tão velho...

Dr. Bernardino convocara-o com urgência. Pereirinha chegou de avião e nem esquentou lugar em Santa Rita. Examinou as listas do eleitorado – ficara fuçando no cartório por umas boas duas horas –, tomou uma porção de apontamentos e bateu para a Vila, acompanhado pelos quatro auxiliares escolhidos por ele próprio, gente de confiança.

Pânico nas fileiras liberais. O Pereirinha por conta dos unionistas! Dr. Osmírio andaria desorientado, se não bufando de raiva. Sim senhor, logo quem – o Pereirinha!...

Miúdo, franzino, míope de meter pena. Mas, se a pequenez era de filhote de camundongo, a esperteza e a malícia batiam longe a do raposão erado e varado de fome. Numa eleição, o rábula se agigantava: um demônio em forma de gente!

Vinha das épocas do bico-de-pena, das atas falsas, do tranqüilo reinado dos coronéis. Braço direito do velho Rocha e responsável por todo o seu longo domínio nas urnas de Santa Rita. Verdadeiro artífice da oligarquia rochista, firmemente consolidada e ainda no poder, apesar da Revolução e do voto secreto.

* Mário Palmério nasceu em Monte Carmelo, Minas Gerais, em 1916. Iniciou-se no magistério em São Paulo, transferindo-se, depois, para o Triângulo Mineiro, onde fundou, a partir de 1947, Faculdades de Odontologia, de Direito, de Medicina e de Engenharia. Em 1950, foi eleito deputado federal, por Minas, reeleito em 1954 e em 1958. Autor de dois romances de sucesso, *Chapadão do Bugre* e *Vila dos Confins*, sucedeu, na Academia Brasileira de Letras, a Guimarães Rosa e foi embaixador do Brasil no Paraguai. De Vila dos Confins – que, segundo o autor, “nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance” – são esses trechos, que falam sobre o voto de “fósforos”.

Mas Pereirinha envelhecera. Poderia substituí-lo o Dr. Osmírio, recém-formado, advogado novo mas já treteiro, fiel à escola do pai. A primeira injustiça e ingratidão, Pereirinha recebera-a com a nomeação de outro, que não ele, para o Cartório do Segundo Ofício. A segunda, com a vaga de escrivão do crime (nomeou-se outro protegido também). E o velho chicanista cometeu o erro de se queixar, publicamente, relembrando a solidariedade antiga e méritos desprezados – o bastante para que Osmírio passasse a persegui-lo, incompatibilizando-o com os juizes, atrapalhando-lhe a vida no foro.

Pereirinha preferiu mudar-se de Santa Rita a submeter-se às humilhações dos chefes mal-agraçados. E foi morar na capital, com a filha mais velha, bem casada.

Mas o velhaco do Dr. Bernardino aproveitou-se da briga: obteve os serviços do Pereirinha e experimentou-os nas eleições gerais seguintes. Um sucesso, o reaparecimento do rábula na política de Santa Rita – perfeitamente adaptado à nova lei eleitoral e mais perigoso que nunca. Fez furor nas seções, como fiscal, impugnando trapanças, armando outras, protestando, recorrendo... Por pouco não joga ao chão os Rochas. Mas acabaria jogando – jurava o leguleio. Dessem-lhe tempo...

Ali estava o Pereirinha, chamado outra vez pelo Dr. Bernardino, para uma demão no pleito municipal da Vila dos Confins. Encarquilhado, franzino, vozinha esganiçada – mas vigilante que nem cachorrinho onceiro, pronto para morder os poderosos calcanhares da máquina governamental.

– Todas as seções em ordem, Dr. Pereirinha?

– Perfeitas. Em cada seção pus homem de confiança: na intendência vão ficar o Generoso e o Rosendo; para a coletoria destaquei o Ruço e o Rosalvo. Companheirada velha, dos bons tempos.

Paulo lembrava possíveis chicanas:

– E os *fósforos*? Soube que Osmírio é especialista...

– Coisa nenhuma, deputado! O Osmírio perto de mim é menino de colo. Ajudei a criar aquele traste – prosa só! Conheço o município a palmo. Caboclo estranho que votar, vota apenas uma vez, que sai da seção acompanhado e vigiado. Na hora de entrar em outra e tentar votar de novo, com título de alguém, me encontra pela frente...

– E os títulos de gente que já morreu?

– Mesma coisa. Por via das dúvidas, tirei certidão dos óbitos registrados no município. O juiz mandou me dar. Impugnam-se na hora.

Paulo insistia:

– Quer dizer que eles não podem cometer nenhuma fraude?

Pereirinha sabia onde tinha o nariz, e respondeu de pronto:

– Dessas comuns, não senhor. Meu medo é o dinheiro. Soube que o Chico Belo pôs gente a correr o município comprando títulos. E a ordem é pagar até quinhentos por cabeça...

– Ah! Então o senhor já soube? No Brejal, o Venâncio me disse que fizeram estrago...

– Soube, sim, doutor. E disso não há quem escape. Nada segura. Esta lei eleitoral é uma beleza: quem pode comprar títulos inutiliza os que não podem. O sigilo também não existe. Aposto como o Osmírio mandou distribuir *marmitas* preparadas para o pessoal dele. Fui eu que descobri esse golpe, na última eleição.

Paulo mostrou-se curioso:

– Preparadas, como? Qualquer sinal, qualquer marca inutiliza as cédulas...

Pereirinha olhou com superioridade para o deputado. Uns inocentes, os fazedores das leis... Explicou paciente:

– Ovo de Colombo, deputado! A coisa mais fácil do mundo. Por exemplo: o senhor quer descobrir em quem votou fulano, empregado seu, pessoa que lhe deve obediência. Basta entregar-lhe a *marmita* com a cédula de um deputado qualquer, nome desconhecido. Na apuração, aparece o envelope com aquele voto; se não aparecer... ou senão, nestas eleições municipais, onde não se vai votar em deputados, o senhor prepara a *marmita* colocando, por exemplo, duas cédulas iguais para prefeito, três iguais para vice, quatro iguais para juiz de paz... O senhor pode fazer tantas combinações quantos forem os eleitores cujos votos há interesse em descobrir. Na apuração, aparece o truque. E não se perde um voto, que cédulas iguais não o inutilizam... Sigilo! Voto secreto!... Bobagens, Dr. Paulo, bobagens...

– E na qualificação? Será que falsificaram muitos requerimentos?

Pereirinha estava ciente de tudo. E não tardou a responder:

– Não acredito que o Osmírio se meta a repetir aqui o que já fizemos muito em Santa Rita. Na última eleição, consegui anular barbaridade de títulos falsos. A invenção foi minha... mais de duzentos títulos foram apreendidos depois da minha denúncia. Mas, apesar da fiscalização, os liberais são capazes de tentar a chicana... Com o tranca do Juvêncio no cartório...

Paulo recomendou:

– Então, seu Pereirinha, olho vivo, olho vivo! A fraude na qualificação é a mais perfeita de todas. Fácilimo, se o cartório faz vista grossa. Um perigo!

Pereirinha tinha razão. Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa. Bastava a conivência do escrivão eleitoral para se inundarem as seções de eleitores-fantasma. E o processo era simples. Nos

últimos dias do alistamento, o partido reunia as certidões de idade remetidas pelos cartórios de paz e que sobravam, entregando-as aos cabos eleitorais de confiança. Cada um deles se incumbia de fazer porção de requerimentos, tudo com a própria letra, assinando-os com o nome constante da certidão de idade. E davam entrada às petições e assinavam o recibo e os títulos respectivos. Um eleitor ficava, assim, de posse de vários títulos, reproduzindo-se em vários eleitores. Compareciam nas seções, votavam, assinavam as folhas de votação, e não havia jeito de apanhar a fraude: a assinatura conferia com a do título... Nas cidades onde as seções eram muitas, avalie-se o número de eleitores-fantasma: um sujeito só a votar como Antônio, como Francisco, como José, como Venefredo... Tantos cabos desse tipo multiplicados pelo número de seções... e olhem o estrago!

Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto... Bobagens, bobagens!

A presença do rábula Pereirinha evitava toda sorte de manobras ilícitas em que era mestre o Osmírio. Com o juiz de paz, o Juvêncio, inteiramente vendido aos liberais, dezenas de títulos deviam ter sido entregues ao Osmírio para que pudesse usá-los na sua especialidade: os *fósforos*. Havia nas vizinhanças certos cabos treinados em passar por cinco, seis, até por mais eleitores diferentes. Os Rochas contratavam-nos. Terríveis, esses vigaristas eleitorais: assinavam tão bem com a mão esquerda como com a direita; e não esqueciam um nadinha da complicada qualificação do eleitor substituído.

Se algum mesário duvidasse, poderia perguntar, por exemplo, ao Calisto Barbosa – o Calistinho Corneta, empregado da sorveteira do Abrão, em São Benevenuto –, que a resposta vinha engraxada:

– Sim, senhor: Salustiano de Alvarenga; Ambrosino Ambrósio de Alvarenga e d. Etelvina Soares de Alvarenga; Vertentes, Goiás, em 1919; dia 7 de setembro, sim, senhor, dia da Independência... Moro na Lajinha – já faz uns três anos que trabalho com seu Epitácio, no engenho de cana... Sim, senhor... Pois não... Pois sim... Obrigadinho...

Calistinho Corneta passava pelo Salustiano, por Pedro, por Veríssimo, por quem lhe mandavam passar. *Fósforo* de segurança!

Calistinho Corneta, Chico Preto, o Doquinho do Juca Bento. Do Doquinho, então, contavam horrores; na penúltima eleição – Pereirinha ainda estava com os Rochas – o tipo pintara e bordara. Votou, a primeira vez, barbudo, representando o velho Didico, morto havia mais de ano; fez a barba, deixando

o bigode, e foi para outra seção votar em nome de um tal de Carmelita, sumido desde meses; tirou o bigode e, com a cara mais limpa e lavada deste mundo, preencheu a falta de outro eleitor; e dizem ainda que votou mais uma vez, de cabelo oxigenado e cortado à escovinha, substituindo um rapazinho alemoado que viera trabalhar, por uns tempos, na montagem da usina elétrica de Santa Rita.

Mas Pereirinha – inspirador de muitas daquelas patifarias – agora estava do outro lado. E seco por uma desforra.

Do outro lado estavam também a magistratura, no colarinho alto e engomado do íntegro Dr. Braga, e a força, no elegante uniforme creme do capitão Lemos.

Sim. A lisura do pleito encontrava-se defendida. Nem fraude, nem violências. Bendita tocaia do mato do Corrente!

